



# Diário Oficial

Estado de São Paulo

Márcio França - Governador

Poder  
Executivo  
seção II

**imprensaoficial**

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Palácio dos Bandeirantes • Av. Morumbi 4.500 • Morumbi • São Paulo • CEP 05650-000 • Tel. 2193-8000

Volume 128 • Número 121 • São Paulo, terça-feira, 3 de julho de 2018

www.imprensaoficial.com.br

## Pesquisa inédita compara efeitos do transplante e dos remédios

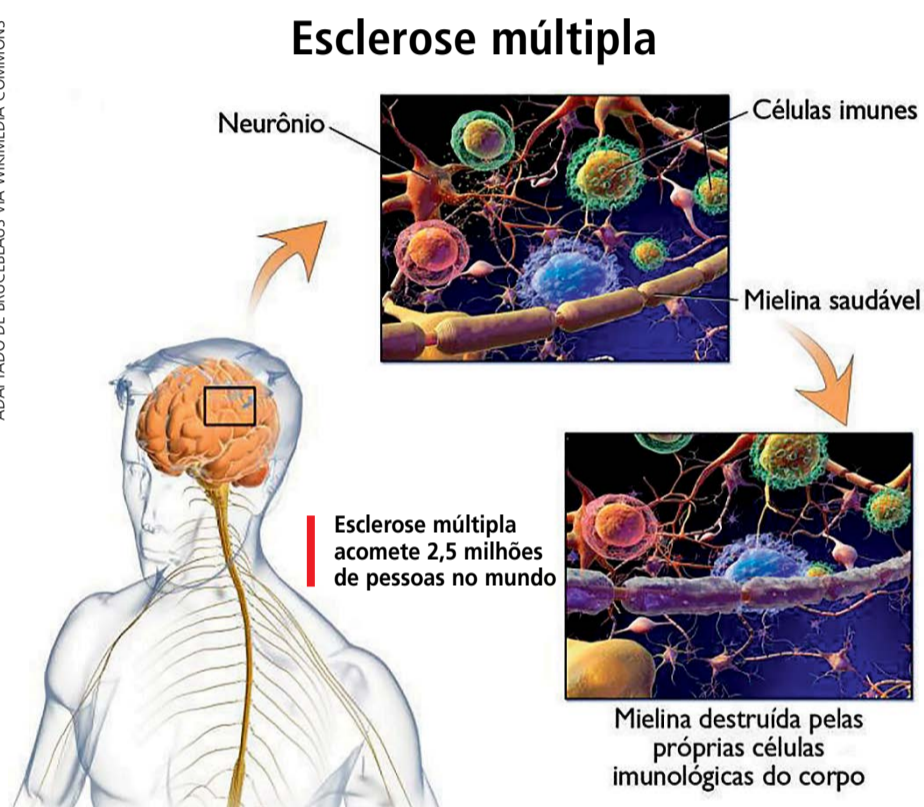
O transplante com células-tronco da medula óssea do próprio paciente para controlar os sintomas da esclerose múltipla é mais eficaz do que a medicação disponível no mercado. Esta é a conclusão de estudo inédito realizado no mundo e conduzido por pesquisadores do Brasil, Suécia, Inglaterra e Estados Unidos.

ADAPTADO DE BRUCEBLAUS VIA WIKIMEDIA COMMONS

**Transplante para esclerose múltipla é mais eficaz no controle dos sintomas e não requer tratamento longo, avalia estudo**

Esclerose múltipla é uma doença autoimune, ou seja, o próprio sistema imunológico do indivíduo agride o organismo. Acomete 2,5 milhões de pessoas no planeta; dessas, cerca de 35 mil são brasileiros, de acordo com a Federação Internacional de Esclerose Múltipla.

Oitenta por cento dos doentes sofrem, inicialmente, surtos que se caracterizam por incapacidade neurológica aguda, como perda de movimentos, da sensibilidade, da visão e não conseguem urinar. Depois de alguns dias, desaparecem espontaneamente ou com tratamento neurológico. “O paciente se queixa de surtos repetitivos, que melhoram diversas vezes. Com o tempo, os surtos tornam a disfunção neurológica um quadro irreversível”, explica a professora Maria Carolina de Oliveira, pesquisadora do Centro de Terapia Celular da USP e da Divisão



de Imunologia Clínica da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMRP).

**Crterios** – A escala neurológica EDSS, que vai de zero a 10, mede o grau de comprometimento neurológico provocado pela doença. O parâmetro para incluir o voluntário no transplante foi o nível entre 2,5 e 5,5 na escala. “No nível 2,5, o paciente começa a mostrar alterações neurológicas, mas ainda consegue andar por grandes distâncias, por exemplo. No nível 5,5, ele apresenta muitas dificuldades físicas e usa apoio bilateral”, diz a pesquisadora.

Pacientes fora desse parâmetro não participaram do estudo. Usar cadeira de roda ou estar acamado são situações da fase

avançada da doença que excluíram a possibilidade de transplante.

Participaram do estudo 110 pessoas com esclerose múltipla dos quatro países. Dessas, 55 foram submetidas ao transplante de células-tronco da medula óssea; os demais, tratados com remédios convencionais.

Maria Carolina conta que, um ano após o transplante, o grupo de transplantados, no geral, apresentou diminuição da disfunção neurológica. “A escala neurológica EDSS dessas pessoas melhorou de 3,5 para 2,4. Entre aqueles tratados com medicamentos, registramos a piora neurológica de 3,3 para 3,9 na escala”.

**Resultados** – Após três anos de seguimento médico, a professora diz que, entre os transplantados, três pacientes reativaram a doença (6% do total de pesquisados). No grupo controle, esse sintoma de piora neurológica representou 60% do total de avaliados.

“Os resultados comprovam que os transplantes apresentam melhores resultados do que as medicações utilizadas para o tratamento da esclerose múltipla. Entre as vantagens, trata-se de procedimento único, não requer longo tempo de tratamento e, como é feito com células-tronco do próprio organismo, não há risco de rejeição”, afirma Maria Carolina.

Ela diz que possibilidade de toxicidade e efeitos colaterais existem, mas até o momento não houve óbitos nem caso de infecção grave. Os principais efeitos colaterais do transplante são queda de cabelo, vômito, febre e risco de infertilidade permanente.

Na avaliação da professora, três anos de acompanhamento médico é tempo razoável para analisar resultados de um estudo, pois se trata de casos graves de esclerose múltipla. “Esses estudos justificam uma solicitação de inclusão do procedimento na rotina do sistema único de saúde (SUS)”, informa a professora. Ela antecipa que tramita no Ministério da Saúde pedido para tornar o tipo de transplante acessível na rede de saúde pública brasileira. No entanto, ela acredita que a autorização não deve sair antes de 2019.

**Vantagem financeira** – Pelos cálculos da pesquisadora, o transplante de medula óssea é vantajoso financeiramente. O custo do procedimento, incluindo medicações e materiais hospitalares, chega a R\$ 15 mil reais (sem contar honorários da equipe de saúde). Em contrapartida, um ano de tratamento farmacológico não sai por menos de R\$ 15 mil. “E quem consome esses medicamentos precisa tomá-los por muitos anos para tentar controlar os sintomas da doença”, frisa a especialista. A maioria dos remédios para esse problema de saúde está disponível no SUS.

Os principais resultados do estudo foram apresentados, em março, no encontro anual da Sociedade Europeia de Transplante de Sangue e de Medula, em Lisboa. No momento, a pesquisa está sendo submetida à avaliação para ser publicada em revista científica de alto impacto.

Maria Carolina adianta que o estudo continuará sendo realizado pelos próximos cinco anos, com os mesmos grupos, para avaliar se a boa resposta ao transplante se sustenta em acompanhamento prolongado.

O Hospital das Clínicas da FMRP-USP tem experiência de 16 anos em transplante de medula óssea para pacientes com esclerose múltipla. Começou em 2002 com o professor Júlio Voltarelli. Estes procedimentos não são pagos pelo SUS, mas recebem recursos de projetos de pesquisas.

O transplante somente pode ser realizado em Centros Experimentais de Transplantes de Medula Óssea. Nesse local, médicos especializados em transplante estimulam a circulação de célula-tronco no sangue, captada durante duas a quatro horas através da máquina de aférese, que funciona como se fosse uma hemodiálise, explica a docente. Depois, o paciente passa por quimioterapia para destruir seu sistema imunológico e essas células captadas são devolvidas ao organismo.

Viviane Gomes  
Imprensa Oficial – Conteúdo Editorial



Professora Maria Carolina: Transplante apresenta melhores resultados

ARQUIVO PESSOAL